

# ESPORTE E INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR W. ADORNO: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

**RESUMO:** É nos marcos da indústria cultural que se estrutura boa parte das práticas pedagógicas contemporâneas. Não é diferente quando com a educação do corpo, em especial com uma de suas mais marcantes formas, o esporte. O objetivo do presente trabalho é apresentar e discutir alguns fragmentos da obra de Theodor W. Adorno, em parceria com Max Horkheimer ou não, que tratam dessa temática. Tomando como ponto de partida a tecnologização do corpo, procura-se pensar os caminhos que são indicados para a reflexão de uma *pedagogia do corpo* na contemporaneidade. Nesse quadro, situam-se as próprias concepções de Adorno a respeito do corpo e, com elas, a respeito do esporte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indústria Cultural; Educação do Corpo; Teoria Crítica e Educação; Theodor W. Adorno; Esporte.

## SPORTS AND CULTURAL INDUSTRY IN THEODOR W. ADORNO: REFLECTIONS ABOUT BODY EDUCATION

**ABSTRACT:** It is in the cultural industry that a great part of the contemporary pedagogy is structured. It is not different with the education of the body, especially with one of its more outstanding expressions, the sport. The objective of this paper is to present and to discuss some fragments of the work of Theodor W. Adorno, in partnership with Max Horkheimer or not, on Sport. Taking as starting point the technology of the body, it tries to think some ways for a reflection about the pedagogy of the body in the contemporary world. In this sense, stay Adorno's conceptions regarding the body and, with them, regarding the sport.

**KEY-WORDS:** Cultural Industry; Education of the Body; Critical Theory and Education; Theodor W. Adorno; Sport.

---

Departamento de Metodologia de Ensino - Centro de Ciências da Educação - UFSC - 88000-000 - Florianópolis - Estado de Santa Catarina - Brasil.

## INTRODUÇÃO

O projeto da *Dialética do Esclarecimento* - livro publicado por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno em 1944 e 1947, e que se desdobra, em grande parte, em vários dos trabalhos de ambos nos anos cinquenta e sessenta do século passado - traça o percurso da construção da racionalidade ocidental, do domínio da natureza, do caminho do mito ao esclarecimento e do recuo, violento, bárbaro, da racionalidade calculadora à mitologia. Desse quadro muito complicado, muito contraditório, do qual é difícil esperar alguma síntese, desenvolve-se, como medida e critério do que é considerado bem-viver, uma perspectiva unívoca de progresso, relacionada ao desenvolvimento científico e tecnológico, à técnica e seu fetichismo. Em sua repetição paranóico-compulsiva, a ciência tomada em sua expressão mais crua, assim como será com a indústria cultural, se erigiu como justificadora do existente, estruturadora do *sempre-igual* travestido de novó. Horkheimer e Adorno vaticinam que "Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão do todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado." (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 38). E ainda,

Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente - o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo - como a verdade que abdicara da esperança. Na pregnância da imagem mítica, bem como na clareza da fórmula científica, a eternidade do factual se vê confirmada e a mera existência expressa como o sentido que ela obstrui. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 39).

Como se não bastassem o espírito do livro, a forma como foi escrito e a surpreendente eleição dos temas e dos interlocutores (Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Schopenhauer, Freud e Sade, entre outros) há inúmeras passagens lapidares nas quais a crítica da racionalidade técnica e da noção de progresso linear e infinito se faz presente, a começar pela primeira sentença do primeiro capítulo, na qual se lê que "No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os seres humanos do medo e colocá-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal" (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 20). Ou ainda, numa clara alusão à Tese IX de *Sobre o Conceito de História*, de Walter Benjamin (1977, p. 255),

Inicialmente, em sua fase mágica, a civilização havia substituído a adaptação orgânica ao outro, isto é, o comportamento propriamente mimético, pela manipulação organizada da mimese, e, por fim, na fase histórica, pela práxis racional, isto é, pelo trabalho. A mimese incontrolada é proscrita. O anjo com a espada de fogo, que expulsou os homens do paraíso e os colocou no caminho do progresso técnico, é o próprio símbolo desse progresso. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 168-169; 1997, p. 205-206).

Desse diagnóstico sombrio dos tempos presentes, desprende-se a produção de uma subjetividade, que se apresenta, segundo se lê nos textos desses frankfurtianos, muito danificada, ou, pelo menos, como resultante de um périplo infeliz, como nos mostra a viagem de Ulisses, o protótipo do sujeito esclarecido.

Se o sujeito transcendental do conhecimento é substituído pelos mecanismos de controle social, entre eles, a indústria cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41, 117), é também porque não se trata de enxergar com facilidade, no horizonte de possibilidades dadas, um *sujeito histórico*. Afinal

A subjetividade volatizou-se na lógica de regras de jogo pretensamente indeterminadas, a fim de dispor de uma maneira ainda mais desembaraçada. O positivismo [...] eliminou a última instância intermediária entre a ação individual e a norma social. O processo técnico, na qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocalidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque própria razão se tornou um mero subsídio da aparelhagem econômica que a tudo engloba. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41-42).

Dessa prejudicada construção da subjetividade faz parte, porque elemento fundamental da forja da identidade, a relação com o próprio corpo, exemplarmente mostrada por Horkheimer e Adorno ao interpretarem a Odisséia. Essa subjetividade está, no entanto, mediada de forma inquestionável, no espírito do nosso tempo, pela tecnologia, pelo *véu tecnológico*, pelo fetiche da técnica. Essa *tecnologização do corpo* só é possível porque há, entre nós, uma extensa *pedagogia do corpo*, para cuja consecução concorrem, sem nenhuma dúvida, os esquemas da indústria cultural.

Meu objetivo no presente trabalho é apresentar e discutir algumas passagens da *Dialética do Esclarecimento* e de outros textos de Adorno, que remetem à questão da *educação do corpo* no contexto da indústria cultural. Faço isso seguindo uma chave fundamental para a leitura desses textos, questão que se refere tanto à *Dialética do Esclarecimento*, quanto à obra de Adorno como um todo. Ela diz que não se pode ler o capítulo

sobre indústria cultural sem que se considere o conjunto do livro, essencialmente, para o presente texto, a crítica da razão na viagem a Ítaca e a fascinante leitura de Kant, Nietzsche e de Sade (Excurso II), e ainda o estudo do preconceito e seus avatares políticos, nos *Elementos do Anti-semitismo*.

A *Dialética do Esclarecimento* é um projeto que se apresenta como uma narrativa simultaneamente sobre o processo imemorial de domínio da natureza e fascinação por esse poder, mas também como uma profunda descrição e análise sobre uma sociedade em transformação, da qual a indústria cultural é uma das expressões. Não é possível aqui fazer uma exegese do texto completo, nem mesmo uma leitura profunda de seus capítulos terceiro e quarto, mas deixo claro que eles permanecem, tanto quanto possível no presente trabalho, imbricados no mesmo horizonte de reflexão.

Vou, então, citar e comentar, segundo os interesses da reflexão que pretendo desenvolver, vários fragmentos de textos, em especial, ao final, *O Esquema da Cultura de Massas* (Adorno, 1997a), um anexo do projeto da *Dialética do Esclarecimento*, um texto que apesar de não ter composto a versão final do livro, apresenta-se completo, e não na forma de notas e esboços. Destaco ainda outras passagens, tanto mais conhecidas, quanto algumas freqüentemente menos presentes, de diálogos e depoimentos, que nos dão luz, pistas para melhor entender o intrincado pensamento de Adorno, ou, se a ousadia nos permitir, continuar refletindo a partir dele.

## CORPO E TECNOLOGIA

Como já disse acima, o corpo exerce um papel fundamental na construção do sujeito esclarecido, e não por acaso Horkheimer e Adorno, em sua peculiar interpretação da Odisséia, observam Ulisses, em várias situações, deparando-se com o problema de como se relacionar com seu próprio corpo, os de seus marinheiros, os das mulheres que ama. Ulisses há de dominar-se, renunciando conscientemente à satisfação de suas pulsões mais imediatas, sem a qual não poderia sobreviver. Os marinheiros, no entanto, não têm sorte semelhante, e ficam, *porque pouco esclarecidos*, dominados por Ulisses, despojados da memória e da história, sem poder resistir aos encantos mitológicos. Por outro lado, se o viajante que comanda a nau domina o próprio corpo, a própria natureza, assim como o faz com seus marinheiros, diferente é a situação com as mulheres que ama: tanto a semideusa Circe quanto Penélope, que

formam uma única constelação na ordem burguesa pré-figurada por Ulisses – a prostituta e a esposa – não são dominadas, não sofrem, e, ao contrário, decidem livremente aceitar o viajante em seus leitos.

Se o domínio do corpo é contraditório, porque a renúncia significa simultaneamente a sobrevivência mas também a perda do que há de melhor em nós, cabe perguntar sobre as suas condições de existência no mundo contemporâneo. Não podemos escapar, então, do problema da técnica, do seu desdobramento em tecnologia, e pensar de que forma o corpo se configura nesse quadro.

Não é outro o lugar reservado ao corpo, que não o do pensamento, destinos que se encontram também porque a separação entre um e outro, entre *corporal* e *não corporal*, como entre sujeito e objeto, é real e fictícia: real porque denuncia uma cisão ancestral, fundadora da razão mas também de muito sofrimento; fictícia porque se trata de uma arbitrariedade histórica do sujeito em relação a si mesmo, uma vez que só artificialmente pode separar-se e esquecer-se de sua própria natureza (ADORNO, 1997f, p. 742-746). Esse esquecimento, que na verdade é um recalque, é mediado racionalmente, uma vez que, como escrevem Horkheimer e Adorno, “Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 47; 1997, p. 53).

Esse processo de racionalização do corpo tem como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operacionalizável, medido, programado. No projeto da *Dialética do Esclarecimento*, esse tema, já apontado com firmeza em várias passagens do livro, aparece ainda com mais vigor nas *Notas e Esboços*, no aforismo *Interesse pelo Corpo* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 215-220). Se não é possível aqui analisar esse pequeno texto-fragmento, em suas duras convergências e complementaridades entre Marx e Nietzsche, e por meio deles, Freud, é preciso, no entanto, tomar-lhe emprestada uma questão, que aparece de diferentes formas na obra de Adorno, mas que não teve ainda, talvez, o necessário desenvolvimento (que se lembre que essas notas e esboços do final do livro compreendem questões que deveriam merecer aprofundamento posterior).

Refiro-me a uma idéia a primeira vista surpreendente, que talvez condense o que seria uma *pedagogia para o corpo* na sociedade contemporânea. Ela diz que no contexto do *amor-ódio pelo corpo*, na história subterrânea da desfiguração e do recalque pulsional, o corpo permanece um cadáver, ainda que seja muito exercitado (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 218; 1997, p. 267).

Há um ponto aqui colocado, que remete a várias outras passagens da obra de Adorno, e que coloca em questão, decisivamente, o caráter da técnica, sua condição de medida para o progresso e para felicidade humana. Adorno não compartilha da crença de que o novo ser humano será forjado no progresso, que as utopias serão, por meio da técnica, alcançadas em sua plenitude, crença que fascinou vários de seus contemporâneos, de Heidegger a Jünger, de Brecht a Gramsci. Para ele, ao contrário, a realização tecnológica de antigos desejos humanos, se tomadas *ontologicamente*, esvaziam o conteúdo interno das utopias (BLOCH, ADORNO; KRÜGER, 1975, p. 58 e ss).

Para Adorno, não há dúvidas quanto ao potencial destrutivo, de produção da crueldade, internalizados nas tendências sociais contemporâneas, cuja imagem aparece, também, nas relações patogênicas com o próprio corpo. Nesse contexto, dirá, que “[...] seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica.” (ADORNO, 1995, p. 127). Logo adiante, no mesmo quadro reflexivo – que é o da defesa de uma educação resistente à barbárie – Adorno destaca a afinidade do esporte com a técnica, e as decorrências de uma absorção não refletida da última: “[...] na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula do ‘véu tecnológico’. Os seres humanos inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens.” (ADORNO, 1995, p. 132)

Essa equação entre esporte e técnica já havia sido feita por Adorno, de diferentes formas, em outros momentos. O esporte seria uma forma clandestina de adaptação ao maquinário, de tal forma que o ser humano o incorporaria, desaparecendo a diferença entre ambos. Isso levaria a um momento ostentador da violência, ao culto à obediência, ao autoritarismo, ao sofrimento e ao masoquismo. “Ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também a suportá-la e tolerá-la.” (ADORNO, 1997d, p. 79-80). Em outras palavras, a técnica seria, nesse registro, uma forma de organização do sofrimento, que concorreriam com seus propósitos de potencialização da liberdade.

No esporte o corpo é o instrumento técnico por excelência – assim como para as crianças ele é o brinquedo original, o primeiro *Spielzeug* (literalmente, instrumento para brincar). Assim como os instrumentos técnicos devem dominar a natureza, da mesma forma o corpo, em si mesmo, deve ser expressão da natureza dominada, algo que pode ser facilmente identificado nas estruturas do treinamento corporal, seja no esporte de alto rendimento, seja qualquer academia de *fitness*. O esporte não pode ser entendido sem que se considere a fascinação moderna pela máquina e pelo rendimento, algo que, da esquerda à

direita, alcançou um ponto culminante, como observou, entre outros, Walter Benjamin (1980), nos Jogos Olímpicos modernos<sup>1</sup>.

O esporte, por meio da aceleração tecnológica que propicia e que lhe dá sustentação, procura ser uma superação, ao menos simbólica, de uma das utopias humanas mais ancestrais, traduzida na crença da potência infinita, capaz de prolongar a vida e vencer a morte. Seu aporte tecnológico, no entanto, na medida em que é disciplinador da dor, acaba por ser uma celebração da morte.<sup>2</sup> Lembre-se aqui, com se lê na *Dialética Negativa* (Adorno, 1997g, p. 203-204), que o sofrimento, sempre corporal, é um impulso ao conhecimento, e que a filosofia de Adorno, mesmo quando apresenta seus rasgos metafísicos, coloca-se em direção contrária a qualquer bálsamo que faça esquecer a materialidade, e, portanto, os limites e finitudes do corpo.

Como mediação tecnológica entre o ser humano e seu corpo, é que as atividades esportivas, levadas às últimas conseqüências, perpetuam a reificação humana, de forma que não é possível, por mais que se exercite, superar o estado de morte atingido pelo corpo. Ao contrário, quanto mais ele é exercitado, mais é desqualificado como matéria manipulável, quanto mais separado da instância *não corporal*, mais reificado, e portanto *sem vida*, se torna.

## CORPO E INDÚSTRIA CULTURAL

É nesse quadro que se coloca uma série de passagens na obra de Adorno, que destacam o corpo e o esporte – essa forma contemporânea de educação e organização da corporeidade – no contexto da indústria cultural. Se é certo dizer com Adorno, mesmo mais de trinta anos depois, que ainda hoje não temos uma psicologia social crítica que seja capaz de compreender esse fenômeno marcante do nosso tempo de forma ampla e profunda (Adorno, 1995, p. 127), precisamos também reconhecer, no mesmo contexto, que não dispomos ainda de um conjunto de categorias de entendimento que possam condensar os elementos e movimentos da indústria cultural no que se refere ao corpo e ao esporte.<sup>3</sup>

Nas análises da indústria cultural o esporte aparece, de forma mais freqüente, como estrutura modelar, uma forma de *dever ser*, uma vez que várias dimensões da vida social teriam se *esportivizado*. Com a expressão *esportivização*, Adorno indica um tipo de socialização que tem origem no esporte-espetáculo e na relação do público com ele. Esse modelo determina, em grande medida, as formas de ser na política, na

sexualidade, e na arte, em especial no público do jazz (ADORNO, 1992, 1997b, 1997i, 1997j).

Analisando a fetichização da música de massas, Adorno considera seu caráter de repetição de modelos previamente dados, programados pelos interesses da banalização mercadológica, nada tendo mais a ver com o conceito clássico de música e sua relação com o ouvinte. O outro pólo da análise é o ouvinte, cujas disposições psicofisiológicas se estruturam também no sentido do consumo. Curioso, mas absolutamente não sem sentido, é que Adorno exponha esse processo estabelecendo uma distinção já então bastante conhecida, entre jogo e esporte, referindo-se a transformação do primeiro no segundo (ADORNO, 1997e, 1997i).

Nada sobrevive nela [na música de massas] com mais força do que a aparência; nada é mais aparente do que seu teor de verdade [Sachlichkeit]. A jogo interpretativo infantilizante [infantile Spiel] tem pouco a ver mais do que o nome com as atividades produtivas das crianças. Não por acaso, o esporte burguês quer estar tão marcadamente separado do jogo. Seu rigor brutal significa que, em lugar de manter a confiança no sonho da liberdade por meio do distanciamento quanto aos fins, acaba-se por colocar o jogo, como obrigação, sob o jugo das finalidades úteis, por meio do qual extingue-se qualquer vestígio de liberdade. Esse processo se fortalece com a música de massas atual. [...] Tal jogo interpretativo é apenas uma aparência de jogo; por isso a aparência torna-se, de forma importante, inerente à música esportiva [Musiksport] dominante. (1997i, p. 47)

A nova consciência musical seria determinada pela presença do desprazer no próprio prazer, já que o indivíduo - tendencialmente liquidado - está entregue às determinações do mercado: um processo típico não apenas da propaganda, mas também do esporte. (ADORNO, 1997i, p. 19)

Tomando o tema por outra de suas faces, percebemos, ao observarmos a história contemporânea, o quanto as torcidas, "organizadas" ou não, buscam e encontram uma forma de identificação imediata, regressiva e infantilizante com o espetáculo esportivo, seja com aquilo acontece em campo, seja com as pessoas todas que formam o coletivo nos estádios. Nos *Elementos do Anti-semitismo*, Horkheimer e Adorno mostram como a associação perversa entre mimetismo e falsa projeção leva a comportamentos regressivos, sobretudo em situações limítrofes, ritualizadas ou não. Importante é dizer, no entanto, que essa ordenação coletivista, que faz desaparecer a subjetividade autônoma (Adorno, 1995, p. 129; 1997c, p. 683), é uma resposta coisificada, segundo Adorno, à reificação social como um todo. Afinal, "Nada terá

em uma sociedade reificada, sem que se reifique também" (ADORNO, 1997k, p. 286-287).

O fascínio do público pelo esporte, que muitas vezes se manifesta pela excitação com os acidentes, com as jogadas violentas, com o sofrimento dos atletas e seu extremado sacrifício, é uma expressão da consciência reificada, da mobilização de energias psíquicas adaptadas aos esquemas da indústria cultural. Não se trata de apenas esquecer o sofrimento, mas de celebra-lo para a ele estar adaptado nas engrenagens da sociedade administrada (HORKHEIMER; ADORNO, 1997, p. 167). O processo parece ser muito semelhante com aquele que acontece nos *comics*, já que,

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exige e propaga (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.130).

Nesse mesmo processo de identificação primária, não mediatizada, encontra-se a produção dos ídolos esportivos, fortemente sexualizada nas imagens do *dever ser homem* e *dever ser mulher*, ou ainda do *dever ser para além de homem ou mulher*, como mostram os filmes esportivos dos muitos fascismos, em especial o projeto de Leni Riefensthal, paradigma estético das imagens esportivas contemporâneas,<sup>4</sup> ou ainda os ambientes simultaneamente ascéticos e ritualísticos das academias de ginástica. Com se lê na *Dialética do Esclarecimento*,

Eis o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, o busto do suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há qualquer situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 131; 1997, p. 162).

Essas imagens têm enorme proximidade com a pornografia, com a qual o esporte guarda grande afinidade técnica, já que ambos se baseiam no excesso, no desempenho, na redundância, na representação, na dor. Algo que, aliás, Horkheimer e Adorno perceberam com extrema argúcia:

Aquilo que Kant fundamentou transcendentemente, a afinidade entre o conhecimento e o plano, que imprime o caráter de uma inescapável funcionalidade à vida burguesa integralmente racionalizada, inclusive em suas pausas para a respiração, Sade realizou empiricamente um século antes do advento do esporte. As equipes esportivas modernas, cuja cooperação está regulada de tal sorte que nenhum membro tenha dúvidas sobre o papel e para cada um haja um suplente a postos, encontram seu modelo exato nos teams sexuais de Juliette, onde nenhum instante fica ocioso, nenhuma abertura do corpo é desdenhada, nenhuma função permanece inativa. No esporte, assim como em todos os ramos da cultura de massas, reina uma atividade intensa e funcional, de modo que só o espectador perfeitamente iniciado pode compreender a diferença das combinações, o sentido das peripécias, determinado pelas regras arbitrariamente estabelecidas (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 87).

Por todas essas razões, não faria sentido, segundo Adorno, se falar em “tempo livre” na prática esportiva, que funciona, na verdade, como aparato tecnológico, compensatório e adestrante para o trabalho (Adorno, 1997d, p. 653), transformando o desprazer corporal em prazer secundário (Adorno, 1997e, p. 471), em *pseudo-atividade*.

É a partir desse quadro que gostaria de citar ainda, para então passar à conclusão, duas passagens de *O esquema da Cultura de Massas* (Adorno, 1997a) nas quais Adorno nos dá precisas indicações para a compreensão da indústria cultural, na forma como se estrutura por meio do esporte, da racionalidade instrumental, da tecnologia do corpo e da produção da crueldade.

Os dominados celebram a própria dominação. Eles fazem da liberdade uma paródia, na medida em que livremente se colocam a serviço da cisão, mais uma vez, do indivíduo com seu próprio corpo. Por meio dessa liberdade confirma-se a injustiça - fundada na violência social - que mais uma vez se destina aos corpos escravizados. Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores da cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada em si mesmo e nos outros (ADORNO, 1997a, p. 328).

Os recordes, nos quais os esportes encontram sua realização, proclamam o evidente direito dos mais fortes, que emerge tão obviamente da concorrência, porque ela cada vez mais os domina. No triunfo de tal espírito prático, tão longe das necessidades de manutenção da vida, o esporte se torna uma pseudopraxis, na qual os praticantes não mais podem agir por si mesmos, mas mais uma vez se transformam em objetos, o que, na verdade, já são. Em sua literalidade sem brilho, destinada a uma gravidade [seriedade] brutal, que entorpece cada gesto do jogo, torna-se o esporte o reflexo sem cor da vida endurecida e indiferente. Só em casos extremos, que deformam a si mesmo, o esporte mantém o prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades (ADORNO, 1997a, p. 329).

## CONCLUSÃO

Apesar das duras críticas ao esporte, Adorno distingue-o, algumas vezes, em duas de suas expressões: o esporte competitivo, espetáculo, e um outro, praticado sob diferente orientação – na forma de *jogo* –, que se refere também ao reconhecimento dos limites, das fraquezas do *corpo do outro* e, quem sabe, do próprio. O tema aparece, por exemplo, quando Adorno retoma a tese de Huizinga e outros, de que o esporte é, de alguma forma, a degradação do jogo, ou ainda quando, ao criticar o esporte-espetáculo, destaca que ele transforma as pessoas em meros espectadores, em consumidores e não em praticantes. Exemplar é, nesse sentido, a conhecida passagem de *Educação após Auschwitz*, onde se lê, que

O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fairplay, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso dos espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. (ADORNO, 1995, p.127)

Esse movimento nas assertivas de Adorno a respeito do esporte, da técnica e, segundo penso, de uma *pedagogia do corpo*, nos coloca uma série de desafios muito importantes para pensar o corpo e suas expressões contemporâneas, e as condutas éticas pelas quais podemos optar. Desafios que ainda não podemos responder, e que são ainda mais complicados se pensarmos no *arcaísmo do corpo*, e nas contradições que lhe são inerentes.

Trago um pequeno exemplo para ilustrar essas dificuldades, extraído da biografia do próprio Adorno. Em 1967 foi-lhe perguntado o que pensava a respeito do aperto de mão, se seria, ou não, um sinal de boa vontade. A essa pergunta um tanto engraçada, respondeu: “Vivenciei com frequência em países anglo-saxões, que a nós alemães nos apertassem a mão. Há mesmo algo de arcaico nisso, que não combina com a racional civilização ocidental. Por outro lado, não me são simpáticos aqueles que não me dão a mão para um cumprimento, ou o fazem estendendo-me apenas o dedo mínimo” (ADORNO, 1997h, p. 738). Essa curiosa opinião de Adorno, que deve ser lida numa mesma constelação com outras experiências que lhe foram marcantes, todas relacionadas ao contato corporal (Adorno, 1997i; Habermas, 1981), pode

ser entendida como um paradigma de sua posição em relação ao tema do corpo e talvez do esporte: por um lado, um momento arcaico, instância da violência, que deve ser apaziguada. O corpo é expressão da natureza sem controle, insatisfeita, imemorial, da qual o ser humano também faz parte.

Por outro lado, uma esfera de possível reconciliação, com a própria natureza e também com aquela que nos circunda, que se nos materializa nas múltiplas relações sociais que temos com ela: o ambiente, os corpos dos animais, os outros corpos humanos. Toda essa natureza socialmente estruturada nos é, em princípio, estranha, distante (como a mão do estranho que se aproxima), não conceitual, mas não irracional. Com ela podemos ter uma relação técnica, mas também uma aproximação mimética, de aconchego, talvez mediada pelas práticas corporais organizadas, dentre elas o esporte.

Parecem ser muito convincentes os comentários de Adorno sobre a dimensão infantilizante do esporte, em sua forma de espetáculo, como expressão da indústria cultural. Por outro lado, há em Adorno uma dimensão vinda da tradição romântica, que vê nas características mais aristocráticas do esporte – o caráter desinteressado, o *fair-play* –, um caráter emancipador, resistente à barbárie. Vários exemplos semelhantes se encontram nos aforismos das *Minima Moralia* (Adorno, 1997b), onde se lê seguidos lamentos pela perda de uma delicadeza do *particular* – ao fechar-se portas com violência, deslocar-se com pressa pela cidade, tomar-se um trem que não tem mais qualquer beleza – já ausente nos sombrios anos quarenta do século passado, desaparecida, por completo, nos tempos em que vivemos. Nesse sentido, talvez Adorno tenha razão, e seja mesmo o esporte aristocrático, paradoxalmente, uma situação exemplar que nos lembre a discreta esperança de uma humanidade sem adjetivos.

Recebido em: 27/05/2002

Aprovado em: 30/07/2002

## NOTAS

<sup>1</sup> Sobre os comentários de Benjamin sobre os Jogos Olímpicos da era moderna e suas relações com as exposições universais, ver ainda os comentários de Vaz (2001, p.54-56) e Buck-Morss (1993, p.384-391).

<sup>2</sup> Essa questão é mais detalhadamente desenvolvida em Vaz (1999).

<sup>3</sup> Lembre-se, de passagem, que o próprio Adorno tencionava escrever um trabalho sobre Sociologia do Esporte, o que não veio a acontecer (TIEDMANN, 1997, p. 397). Max Horkheimer (1985), no entanto, publicou um estudo sobre o tema nos anos sessenta, muito diverso, na forma e no conteúdo, dos trabalhos de Adorno e de muitos de seus trabalhos de décadas anteriores.

<sup>4</sup> Sobre o tema, vale a pena conferir os trabalhos de Wildmann (1998) e Almeida (2001).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. Das Schema der Massenkultur. *Gesammelte Schriften* 4. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Minima moralia: reflexionen aus der beschädigten Leben.* *Gesammelte Schriften* 4. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b.

\_\_\_\_\_. Erziehung nach Auschwitz. *Gesammelte Schriften* 10-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c.

\_\_\_\_\_. Veblens Angriff auf die Kultur. *Gesammelte Schriften* 10-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997d.

\_\_\_\_\_. Ästhetische Theorie. *Gesammelte Schriften* 7. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997e.

\_\_\_\_\_. Zu Subjekt und Objekt. *Gesammelte Schriften* 10-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997f.

\_\_\_\_\_. Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften* 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997g.

\_\_\_\_\_. "Händedruck - Symbol des guten Willens. Soll man oder soll man nicht?". *Gesammelte Schriften* 20-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997h.

\_\_\_\_\_. Über Fetischcharakter in der Musik und die Regression des Hörens. *Gesammelte Schriften* 14. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997i.

\_\_\_\_\_. Sexualtabus und Recht heute. *Gesammelte Schriften* 10-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997j.

\_\_\_\_\_. Einleitung zum "Positivismusstreit in der deutschen Soziologie". *Gesammelte Schriften* 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997k.

\_\_\_\_\_. Zweimal Chaplin. *Gesammelte Schriften* 10-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997l.

\_\_\_\_\_. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada.* São Paulo: Ática, 1992.

ALMEIDA, M. J. de. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e história.* Campinas: Autores Associados, 2001.

BENJAMIN, W. Über den Begriff der Geschichte. In: \_\_\_\_\_. *Illuminationen.* (Ausgewählte Schriften 1). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.

\_\_\_\_\_. (Nota a) Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit. *Gesammelte Schriften 1-3*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980. Rowohlt, 1992.

BLOCH, E.; ADORNO, T. W.; KRÜGER, H. Etwas fehlt ... Über die Widersprüche der utopischen Sehnsucht. Ein Gespräch mit Theodor W. Adorno. In: TRAUB, R.; WIESER, H. (Org.). *Gespräche mit Ernst Bloch*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

BUCK-MORSS, S. *Dialektik des Sehens*, Walter Benjamin und das Passagen-Werk. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1993.

HABERMAS, J. Urgeschichte der Subjektivität und verwilderte Selbstbehauptung. In: \_\_\_\_\_. *Philosophisch-politische Profile*. Frankfurt am Main: Suhrkamp 1981.

HORKHEIMER, M. Neue soziale Verhaltensmuster [Zur Soziologie des Sports] *Gesammelte Schriften 8*. Frankfurt am Main: Fischer, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. Dialektik der Aufklärung: philosophische fragmente. *Gesammelte Schriften 3*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

TIEDEMANN, R. Editorische Nachbemerkung. In: ADORNO, T.W. *Gesammelte Schriften 9-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes*, Campinas, v.19, n. 48, p.89-108, agosto 1999.

\_\_\_\_\_. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

WILDMANN, D. *Begehrte Körper: Konstruktion und Inszenierung des "arischen" Männerkörpers im "Drittenreich"*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1998.